10 ANOS DE PSICOLOGIA NA PMMG - CONSTRUÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

Maria de Fátima Andrade Chadid
Capitão Psicóloga da PMMG

Ana Cristina Ávila Batista
Tenente Psicóloga da PMMG

Waldanne Ribeiro Bartholo
Tenente Psicóloga da PMMG

Tânia Mary Fonseca
Subtenente da PMMG

Maria Angélica da Silva Barbosa
Cabo da PMMG

*Somos aprendizes (talvez de feiticeiro!) de um ofício cujo
"savoir faire e savoir penser" estamos longe de dominar.
Mas só se aprende tentando e errando.*

Jurandir Freire Costa

INTRODUÇÃO

A Psicologia na Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) entra em sua fase de amadurecimento e, após passar por mudanças e descobertas, atinge uma maior autonomia. Assim, a Psicologia se apropria de um saber e de uma práxis que, aos poucos, vai se instituindo. É, portanto, na tentativa de conhecer tais práticas, levantar os caminhos trilhados pelos profissionais, analisar suas dificuldades e obstáculos e conhecer as saídas possíveis, que realizamos este trabalho.

Temos também como objetivo brindar os dez anos de inserção da Psicologia na PMMG como mais um serviço de assistência à saúde prestado a seus integrantes. Para tanto, contemplamos neste artigo os antecedentes históricos que levaram à oficialização da Psicologia na Instituição.

Para a elaboração deste trabalho, os psicólogos da PMMG responderam um questionário e foram realizadas algumas entrevistas, tornando possível um retrato do percurso da Psicologia na Instituição.

A PSICOLOGIA NA PMMG E SEUS ANTECEDENTES

As raízes da Psicologia na PMMG encontram-se intimamente ligadas à seleção, sendo sua história constituída a partir das crescentes necessidades de aprimoramento do processo seletivo e melhor qualificação dos candidatos admitidos.

Em 1987, é criado o quadro de oficiais psicólogos, sendo incluídos dez profissionais. À época, já existiam na Corporação psicólogos civis e militares com formação na área e que trabalhavam na Diretoria de Pessoal (DP) e na Academia de Polícia Militar (APM).

A entrada dos oficiais psicólogos possibilitou a ampliação do processo seletivo, além de determinar melhores critérios e rigor científico, ocasionando mudanças significativas no nível dos candidatos incluídos. Entre os trabalhos importantes desenvolvidos nessa ocasião, destacou-se a elaboração do Perfil Profissiográfico do Soldado PM, por batalhão, buscando subsidiar e complementar as características preconizadas pelo Manual de Recrutamento, Seleção e Formação do Soldado (MARESELFO).

Com a chegada dos novos profissionais, além da expectativa de que eles permanecessem na DP, surge também a idéia da criação de um Centro de Psicologia, que seria responsável por todo tipo de assistência psicológica prestada na Corporação. Proposta interessante, porém complexa para o momento, razão pela qual foi adiada.

Nessa mesma época, dois psicólogos são lotados na Clínica de Psicologia e Psiquiatria (CLIPPS) do HPM que tem como objetivo prestar assistência ambulatorial e clínica aos militares e dependentes, respaldada por uma equipe multidisciplinar composta pela assistência psicológica, médica e social.

Na APM, desenvolve-se o acompanhamento psicológico para os cursos de formação de oficiais e praças, tendo como objetivo contribuir para o aprimoramento profissional e prestar assistência aos alunos em curso.

Aos poucos, a Psicologia passa a ampliar seu leque de possibilidades para atendimento às necessidades da Instituição. Através do contato da tropa com a nova modalidade de assistência, surge a demanda para uma atuação sistematizada de Psicologia nas Unidades. Era freqüente, no interior, os militares aproveitarem a visita dos psicólogos para alguma orientação, tanto pessoal como também para as escolas de formação.

Em 1991, com a realização do II Seminário dos Chefes de Formação Sanitária, levanta-se a primeira proposta de elaboração do Manual do Oficial Psicólogo, quando se torna notória a necessidade de integração da Psicologia nas Subseções de Assistência à Saúde (SAS). Surge o compromisso de ampliação do quadro para o ano seguinte pela Diretoria de Saúde.

Através da elaboração do Manual do Psicólogo, a equipe de psicólogos passa a se reunir, discutindo sua prática e trocando experiências. Evidencia-se, então, a importância da manutenção das reuniões para enriquecimento do trabalho. As reuniões aconteciam, de início, informalmente e, posteriormente, tornaram-se oficializadas pela Diretoria de Saúde, que reconhece seu valor.

PSICOLOGIA - UM PERFIL

O Lugar da Psicologia na PMMG

O presente estudo nos revela que a Psicologia na PMMG tem sido construída a partir das necessidades emergentes na Corporação, como também, através da riqueza proporcionada pelas diversidades da prática psicológica, bem como através da singularidade de cada psicólogo no cotidiano de seu trabalho.

Certamente, no decorrer da trajetória de cada profissional, objetivos foram alcançados, assim como impasses também se fizeram presentes. Dentre eles, a demarcação do “lugar” da Psicologia na Instituição. No início, não se tinha ao certo uma clareza sobre o papel da Psicologia, sobre as suas possibilidades, de atuação, ou mesmo sobre qual seria a verdadeira contribuição a oferecer. Era comum o psicólogo ser

chamado a atuar em situações que extrapolavam a sua especificidade e, outras vezes, não ser requisitado em ocasiões para as quais era competente.

A Psicologia ficava, assim, situada num lugar incômodo, não sendo reconhecida claramente como parte integrante da área de saúde e, ao mesmo tempo, havendo expectativas de que se fizesse presente nas mais diversas e variadas situações. Assim, os psicólogos encontravam-se subordinados a Diretorias diferentes, de acordo com a Unidade à qual servisse e, às vezes, sem o apoio técnico necessário.

Esse quadro contribuiu para que inicialmente o trabalho de Psicologia permanecesse compartimentado e isolado. Realizava-se a seleção na DP, o acompanhamento psicológico na APM e o atendimento clínico no HPM. As realizações de um setor eram desconhecidas dos demais. A Clínica de Psicologia do HPM, por estar diretamente vinculada à Diretoria de Saúde, tinha um acesso maior para opinar e contribuir mais diretamente para as questões de saúde mental na Corporação.

Com a inclusão do atendimento psicológico na SAS, a Psicologia passa a se apropriar de um lugar mais definido, não sendo o oficial psicólogo visto tão somente como um avaliador, mas como um assessor na área de recursos humanos no batalhão, contribuindo com sua especialidade para as ações de assistência à saúde mental dos militares e seus dependentes.

ÁREAS DE ATUAÇÃO E DESAFIOS ENFRENTADOS

Para fazer frente às multiplicidades de demandas na Instituição, a formação do profissional psicólogo torna-se uma condição de peso, uma vez que em seu dia-a-dia o psicólogo se vê em constantes desafios que o mobilizam a buscar recursos variados para o seu trabalho.

A assistência psicológica prestada nas diversas Unidades é bastante ampla, tendo sua maior concentração na clínica. Esta é voltada de forma mais intensa para o segmento das praças, além dos dependentes. Este dado nos mostra ser ainda reduzida a procura do serviço de Psicologia por parte dos oficiais.

Neste sentido, embora se constate o aumento da demanda da assistência psicológica, ainda são grandes os mitos e preconceitos presentes no imaginário dos militares de forma geral, aliados a uma certa desconfiança em relação à quebra de sigilo e receio por questões hierárquicas. Muitas vezes, a procura pelo psicólogo surge acompanhada do temor de serem criticados pelos colegas, “marcados” ou discriminados pelos superiores, de serem avaliados como fracos, incompetentes ou incapazes. É freqüente, na Instituição, a utilização de termos de cunho pejorativo como “louco”, “AFIR” (termo utilizado no código de ocorrências para designar doentes mentais), para aqueles que apresentam alguma dificuldade emocional, de adaptação, ou necessitam de atendimento psicológico. Em contrapartida, existe na Instituição uma imagem idealizada do policial militar que não se deixa abater, não pode errar e nem adoecer. Procurar, então, assistência psicológica caracterizaria um sinal de fraqueza. Percebe-se também a insegurança de que o psicólogo poderia prestar informações sobre os atendimentos realizados, ou atuar como um “P2” (agente de inteligência).

Poderíamos resumir esta situação na fala de uma psicóloga que diz - “Procurar o psicólogo traz um “a menos”, significa fragilidade. Psicólogo é para “os outros”, existe uma conduta de esquivar-se a ver-se como necessitando de ajuda e do ser visto pelos demais.”

Percebe-se que a postura ética de cada psicólogo, principalmente quando delimita e enfatiza o seu papel, é um fator que influencia no nível de confiança daqueles que o procuram, ou lhe são encaminhados. As barreiras que surgem no tocante à clínica requerem um manejo técnico e teórico apropriados dentro da Instituição. Como impasses apontados pelos psicólogos, destacam-se: “a falta do distanciamento necessário

para os atendimentos clínicos”, e “as barreiras ocasionadas pela hierarquia.” Acreditamos que estes fatores estão longe de serem eliminados e, de certa forma, estarão sempre presentes por se tratar de um serviço oferecido pela Instituição. No entanto, podem ser minimizados e, para isto, o tempo e a postura individual do psicólogo são os melhores aliados.

Se, por um lado, a clínica psicológica na PMMG não é uma clínica fácil, por outro lado é uma experiência desafiante por ser diversificada, mobilizando o profissional a manter-se sempre atualizado. Os atendimentos de risco na clínica são bastante comuns, sendo também elevado o número de casos de alcoolismo e internações psiquiátricas. Consultados, a maioria dos psicólogos relatou ter prestado atendimento sob risco de suicídio e descreve que a intervenção requer, sobretudo, maior disponibilidade do profissional em relação a: aumento do número de sessões de atendimento, trabalho interdisciplinar com o médico da Unidade ou com a Psiquiatria e, às vezes, até com a Assistência Social. Toma-se necessário, na maioria das vezes, um trabalho com a família do paciente e medidas práticas como, por exemplo, o desarmamento. Tudo isto exige do profissional bastante preparo teórico, técnico e prático. O atendimento a casos de risco gera também grandes expectativas por parte da Instituição. Uma psicóloga descreve esta situação da seguinte forma: “Para a instituição, fica a expectativa de que o sucesso de um atendimento seja a garantia para os demais.”

Além do atendimento clínico, a Psicologia realiza outras atividades voltadas para os recursos humanos, tais como: seminários de saúde mental, cuja abordagem interdisciplinar trabalha temas de interesse na Unidade; realização de dinâmicas de desenvolvimento interpessoal e aulas de Relações Humanas para os cursos de formação, atividades estas que favorecem maior proximidade com a tropa; desenvolve acompanhamento a grupos de alcoolistas e hipertensos; grupos de treinamento em Recursos Humanos nas Unidades; assessoria a diversos assuntos ligados à pesquisa em saúde mental; assistência a pacientes internados e seus familiares; Psicologia educacional no Colégio Tiradentes, priorizando um trabalho preventivo com dependentes e alunos, além de um trabalho interdisciplinar com o corpo docente; aplicação e análise de testes de seleção da Capital e interior e realização de perícias psicopatológicas para fins de reformas e licenças de militares e beneficiários do Instituto de Previdência dos Servidores Militares (IPSM).

A pesquisa realizada mostra que é grande o envolvimento da Psicologia em comissões e pesquisas, dada a afinidade com as questões humanas e de adequação ao trabalho. No entanto, os resultados de muitos desses trabalhos não têm tido prosseguimento, seja pela quantidade de tarefas ou por dificuldades de tempo e planejamento. Por outro lado, tem sido enfatizada cada vez mais a necessidade do trabalho interdisciplinar no Centro de Recrutamento e Seleção (CRS), na APM, no Hospital da Polícia Militar (HPM), no Colégio Tiradentes da Polícia Militar (CTPM), como também na Junta Central de Saúde (JCS), ou seja, em todos os lugares onde as práticas de saúde, questões sobre recursos humanos, sobre a formação e sua metodologia demandem discussões e trabalho em equipe.

Um aspecto relevante no contexto da Psicologia na PMMG é o trabalho realizado pelos psicólogos das Unidades do interior. Os relatos, em sua maioria, mostram que a disponibilidade deste profissional é praticamente total, sendo freqüentemente requisitados a responderem por questões que inclusive extrapolam a especificidade de nossa profissão. Somam-se, a isto, as dificuldades geradas pelo isolamento, distância do restante da equipe e falta de recursos financeiros para o deslocamento que fazem com que sintam necessidade de maior entrosamento e troca de experiência que são fundamentais em nossa prática.

A avaliação de nossa trajetória tem nos mostrado o quanto caminhamos e o quanto ainda temos por caminhar. Percebemos que alguns setores de trabalho ainda não favorecem o desenvolvimento das possibilidades e do potencial da Psicologia. Este é o caso da Psicologia no CRS, onde pouca coisa mudou no decorrer dos anos de trabalho. O fato do CRS dedicar-se quase que exclusivamente à aplicação e

análise de testes, com volume grande de trabalho, fez com que se mantivesse em um sistema pouco aberto a mudanças, dificultando o acesso a projetos voltados ao treinamento e consultoria, apesar de ter condições que propiciem tal trabalho e existir demanda da Instituição para sua execução.

Percebe-se, assim, que a Psicologia encontra-se bastante comprometida com o trabalho que realiza. O amplo leque de possibilidade e experiências que a Instituição oferece traz um aprendizado às vezes angustiante, no entanto a motivação tem sido alta. Atualmente, os psicólogos têm encontrado maior abertura para as suas expectativas e projetos de trabalho. Entretanto, para que estes se tornem efetivos, é necessário que o psicólogo esteja constantemente falando sobre sua prática e seu lugar na Instituição, bem como buscando uma implicação de todos com a melhoria da qualidade de vida da tropa. Tarefa nem sempre fácil, já que a PMMG encontra-se ainda tímida no que diz respeito à valorização de seus recursos humanos.

Apesar dos impasses naturais a um trabalho institucional como o nosso, o balanço tem sido favorável. Reconhece-se uma maior tranquilidade e segurança em se arvorar por caminhos desconhecidos, tendo a ousadia de se criar e conquistar um espaço de trabalho. Deste modo, os psicólogos relatam estar mais à vontade por já conhecerem melhor a Instituição: de forma menos idealizada e mais crítica. Cada profissional, dentro de seu percurso, tem procurado construir seu trabalho com o toque pessoal, mas em consonância com as necessidades da Corporação. Existe a forte percepção de que a melhor forma para se vencer as barreiras que se interpõem no caminho profissional assenta-se sobre a competência técnica, aliada à flexibilidade, senso de oportunidade, tolerância e acima de tudo o reconhecimento das limitações.

Para finalizar, registraremos alguns depoimentos de psicólogos que descrevem como a experiência na Instituição tem contribuído para a sua formação pessoal e profissional:

“A minha experiência contribui para que eu possa partilhar informações com outros profissionais da área, através de cursos e congressos e levantar questões que me fazem atualizar.”

“Os atendimentos clínicos são ricos e contribuem para uma maior maturidade pessoal.” “É uma experiência ímpar que me põe a estudar cada vez mais.”